

INCLUSÃO DOS ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ana Leticia Furtado Sousa¹

Ana Beatriz Reis de Sousa²

Carolina Mariana de Souza Costa³

Rafaelle Aires Morais⁴

Alexsandro dos Santos Lopes⁵

Elizabeth Santana Alves de Albuquerque⁶

RESUMO

A presente pesquisa traz algumas estratégias, de forma sistematizada, acerca da inclusão dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), nas aulas de Educação Física escolar, por meio de uma revisão sistemática, mediante a pesquisa dos trabalhos produzidos entre os anos de 2017 a 2021, publicados em Língua Portuguesa. Esse estudo se caracteriza como uma pesquisa quanti-qualitativa, do tipo exploratória. Os dados foram extraídos de 06 trabalhos científicos de Língua Portuguesa, oriundos do *Google* acadêmico que atenderam aos objetivos desta revisão. Constatamos que ainda é escassa a produção científica na área, pois em alguns sites como *Scielo* e Plataforma da UFMA não foram encontrados nenhum trabalho. Percebemos que são variadas as estratégias utilizadas pelos docentes para a inclusão do aluno com TEA, como: a explicação curta e clara de como será realizada as atividades, fazer a demonstração das atividades a serem realizadas, lembrar as orientações quando necessário, além disso, fazer um *feedback* positivo ao realizar as atividades e incentivar esses alunos. Essas estratégias foram consideradas eficazes para a inclusão dos alunos com TEA nas aulas de Educação Física, sendo perceptível o desenvolvimento dos estudantes nas aulas e em seus cotidianos, promovendo um ambiente mais inclusivo e acolhedor.

Palavras-chave: Educação Física escolar, Inclusão, TEA, Estratégias de Ensino.

INTRODUÇÃO

A inclusão nas escolas brasileiras tem sido um desafio no cotidiano escolar, impulsionado tanto pela implementação do direito constitucional de todos à educação (Brasil, 1988) como pelo consequente crescimento do número de pessoas com necessidades especiais no espaço educativo. Para tanto, é necessário que o Sistema Educacional seja redimensionado em suas condições materiais e humanas para atender com dignidade à diversidade de estudantes.

¹ Graduada pelo Curso de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, a.leticiafurtado8@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, abr.sousa@discente.ufma.br;

³ Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, carolina.mariana@discente.ufma.br;

⁴ Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, rafaelle.morais@discente.ufma.br;

⁵ Mestrando do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, alexsandrosantos100@gmail.com;

⁶ Professor orientador: Doutora em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Maranhão – UFMA, elizabeth.alves@ufma.br.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação social, interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento (APA, 2014). A Lei 12.764 de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista categoriza a pessoa com TEA como pessoa com deficiência, a fim de assegurar todos os seus direitos (Brasil, 2012).

Nas últimas décadas, a inclusão se tornou um dos maiores desafios da educação brasileira devido ao processo histórico de luta e, conseqüente, legalização de direitos da pessoa com deficiência. A Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990, a Lei de Diretrizes de bases (LDB), de 1996, entre outros documentos legais, regulamentaram a matrícula de todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos em Redes de ensino. A partir de então, os Sistemas de ensino compreendem que o direito de acesso à escola é de todos, devendo propor ações educativas de integração e inclusão das pessoas com deficiência e de todos que dela fazem parte.

Nesse contexto, a inclusão das pessoas com deficiência, altas habilidades/superdotação na escola comum, com orientação dos sistemas de ensino que garantam transversalidade desde a educação infantil ao Ensino superior, Atendimento Educacional Especializado (AEE) e continuidade dos estudos aos níveis mais elevados é um desafio da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação inclusiva (Brasil, 2008), documento o qual legisla sobre o público da educação especial.

A Educação Física (EDF), como componente curricular obrigatório, é imprescindível às pessoas com TEA, pois proporciona mudanças constantes no seu dia a dia, sendo essencial no avanço do desenvolvimento e formação educacional desses estudantes.

Esta pesquisa teve como foco a investigação dos aspectos de inclusão escolar de alunos com TEA nas aulas de EDF. Definimos como objetivo sistematizar estratégias de inclusão dos estudantes com TEA nas aulas de Educação Física, conforme literatura específica. Em virtude do crescimento no número de discentes com TEA nas escolas, ainda se percebe a fragilidade no processo de inclusão dos mesmos a partir da literatura analisada. Deste modo, o docente é desafiado a buscar sempre e se atualizar sobre novas práticas pedagógicas e teóricas que o auxiliem para obter êxito neste processo.

Considerando o papel imprescindível da EDF para o desenvolvimento da pessoa com TEA tanto nos seus aspectos físicos, sociais e psicológicos, é mister investigar como o estudante está sendo incluso nessas aulas, a fim de qualificar o seu processo de aprendizagem e possibilitar maior reflexão e conhecimentos aos professores e/ou educadores.

METODOLOGIA

A análise das estratégias mais assertivas utilizadas para inclusão dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas aulas de Educação Física foi realizada por intermédio de pesquisa bibliográfica, análise documental e pesquisa sistemática.

A pesquisa bibliográfica foi utilizada para o estudo das características conceituais do TEA, consistindo em aprofundar conhecimentos sobre os trabalhos publicados e analisados permitindo conhecer o que foi estudado sobre o assunto, tendo como objetivo aprofundar, reunir e analisar fatos, buscando fontes para a base teórica da pesquisa para qualificação do trabalho científico.

Para a análise documental foram selecionados documentos que enfatizaram a inclusão dos estudantes com TEA na legislação brasileira, como a Constituição de 1888, a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), a Lei de Diretrizes e Base (LDB), o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica e a Lei Berenice Piana.

A pesquisa sistemática foi feita por meio do levantamento de trabalhos científicos já publicados sobre as estratégias de inclusão dos estudantes com TEA nas aulas de Educação Física, apoiados em Falavigna (2018), que afirma ser a revisão sistemática um tipo de revisão que se propõe a responder uma pergunta específica de forma objetiva e imparcial. Para isso utiliza métodos sistemáticos e definidos a priori na identificação e seleção dos estudos, extração dos dados e análise dos resultados.

Crítérios de inclusão e exclusão dos estudos

Utilizamos como critérios de inclusão, a articulação dos critérios Inclusão, Educação Física escolar, TEA/Autismo e licenciatura. As pesquisas selecionadas foram artigos científicos e monografias encontrados em acordo com os critérios definidos previamente.

Como critério de exclusão, descartamos pesquisas que não faziam a relação Educação Física e Autismo; estudos que envolviam professores sem formação em Educação Física como sujeitos da pesquisa; estudos realizados fora do espaço escolar e por utilizar questionários via *Google Forms* como método de investigação.

Etapas da pesquisa

O estudo foi conduzido em três fases para realizar uma busca sistemática sobre a relação entre Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Educação Física. Na primeira fase, foram selecionados trabalhos científicos de 2017 a 2021 utilizando plataformas como UFMA, *Scielo*

Brasil e *Google Acadêmico*, resultando em 316 estudos relevantes. A segunda fase consistiu na análise dos títulos, resumos e palavras-chave para filtrar os estudos conforme critérios pré-estabelecidos, resultando na seleção de 8 trabalhos, que foram organizados em tabelas com informações sobre autores, ano, título, instituição, palavras-chave, tipo de pesquisa e sujeitos envolvidos. Na terceira fase, os trabalhos selecionados foram analisados em relação ao nível de ensino e focados em cursos de licenciatura, com o objetivo de identificar os mais pertinentes à pesquisa proposta, culminando na elaboração do último capítulo do estudo.

Análise dos dados

QUADRO 01 – Produções científicas sobre Inclusão, estratégias, Educação Física e TEA

TÍTULO/AUTOR/ANO	INSTITUIÇÃO	PALAVRAS-CHAVE	TIPO DE PESQUISA	SUJEITO DA PESQUISA
Aluno autista nas aulas de Educação Física: limites e possibilidades no cotidiano escolar KC Santos, PHO Profeta – 2018	UNICEUB	Inclusão. Educação Física; Contexto Escolar; Visão dos docentes	Pesquisa transversal de coleta única, de análise exploratória.	1 professora de Educação Física, chamada Bruna e 19 alunos ENSINO MEDIO
Uma intervenção pedagógica para alunos com transtorno do espectro do autismo com habilidades de interação social comprometidas nas aulas de educação física. Juliana dos SantosMartins; Calleb Rangel de Oliveira – 2018	UFPEL	interação social, educação física, inclusão, TEA, estratégias	pesquisa experimental intrassujeitos ou Estudo de caso único com delineamento de bases múltiplas	Três alunos com TEA que estavam incluídos em escolas regulares nas aulas de educação física, 3º e 4º ano do ensino fundamental.
Recursos auxiliares para mediação de aprendizagem e inclusão nas aulas de Educação Física. VH Lopes – 2019	Universidade de Brasília	Inclusão; Flexibilização Educacional; Recursos Auxiliares; Ciclo de Mediação; Transtorno do Espectro Autista	Pesquisa pedagógica, de carácter qualitativo	turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental.
Inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista nas aulas de Educação física: um estudo de caso R Werlich – 2019	UFSC	Inclusão, Transtorno do Espectro Autista, Educação Física Escolar, Estratégias de Ensino.	Estudo de Caso com característica descritiva e de carácter qualitativo 06 aulas no período de semanas	1 (uma) professora da rede pública de ensino de Santa Catarina que atua com a disciplina de Educação Física - Ensino médio
Transtorno do Espectro Autista: um olhar acerca das práticas docentes nas aulas de educação física em Tocantinópolis. KB Pimentel – 2020	UFT	Transtorno do Espectro Autista; Inclusão; Educação Física; Professor	observacional do tipo transversal, descritiva e de abordagem qualitativa e quantitativa	Constituiu-se de 10 professores (somente 3 prof. Formados em EDF)

Estratégias para a participação de alunos com transtorno do espectro autista em aulas de educação física. MLS Fiorini, EJ Manzini – 2021	UERJ / Revista Teias. v. 22 n. 66. jul./set. 2021 ARTIGO	transtorno do espectro autista; educação física; estratégia; ação	Pesquisa tem fundamentação qualitativa-descriptiva instrumentalizada pela Análise Microgenética	Três PEF (professores de Educação Física) da rede municipal de ensino, 1º ao 5º ano do ensino fundamental.
Crianças com autismo nas aulas práticas de Educação Física: uma proposta de inclusão. JN dos santos, VM de Paula – 2021	UFAM	Inclusão; Educação Física; Autismo; TEA; Atividades Cooperativas	Estudo de caso 3 meses	02 (dois) alunos autistas matriculados em uma instituição de ensino básico, durante um período de três meses - 6º ano do ensino fundamental.
Inclusão de crianças autistas nas aulas de Educação Física. LL OLIVEIRA, FJF SOUSA – 2021	UNIFAC VEST.	Educação Física. Autismo. Inclusão	Pesquisa de campo, descritiva e diagnóstica	2 (dois) professor da rede estadual e 3 (três) da rede municipal de Otacílio Costa, SC

FONTE: produção própria com dados de trabalhos científicos do Google acadêmico

Entre os 8 trabalhos publicados entre 2017 e 2021 sobre a temática investigada, foram excluídos 2 estudos que envolviam professores sem formação em Educação Física como sujeitos da pesquisa (Pimentel, 2020), e outro (1) estudo foi excluído por ter sido realizado fora do espaço escolar e por utilizar questionários via *Google Forms* como método de investigação (Oliveira; Sousa, 2021).

Identificamos no quadro acima que as produções científicas inseridas neste estudo são de origem das universidades públicas (66,7%), estadual (UERJ) e federais (UFAM, UFPEL e UFSC), que são maioria; e universidades privadas (33,3%), sendo estas a Universidade de Brasília e UNICEUB. Estas por serem somente duas concentraram-se no nível dos anos iniciais e ensino médio.

Quanto à palavra-chave, dos 06 trabalhos, cinco (83,3%) ressaltaram tanto o termo “Inclusão” quanto “TEA” ou seu significado e três (50%) o termo “Estratégias”. As demais enfatizaram assuntos diversos como “Atividades cooperativas” (01-16,7%), “Recursos” (01), “Mediação” (01), “Interação” (01). Quanto ao tipo de pesquisa, prevaleceu o estudo de caso (50%) em todas as Universidades Federais (UFAM, UFPEL e UFSC).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da análise dos trabalhos identificados com o objeto de pesquisa, definimos como último critério de inclusão, o ensino da educação básica e professores formados em Educação Física com centralidade na escola. Por isso, foram excluídos os trabalhos científicos

que tinham como sujeitos da pesquisa somente professores de Educação Física (dois trabalhos). Foram então selecionados 06 publicações identificadas abaixo:

QUADRO 02 – Características das Publicações selecionadas

PRODUÇÃO CIENTÍFICA	TÍTULO	ANO DE PUBLICAÇÃO	NÍVEL DE ENSINO
-	SEM PUBLICAÇÃO ESPCECÍFICA	2017	-
Trabalho A MONOGRAFIA	Aluno autista nas aulas de educação física: limites e possibilidades no cotidiano escolar	2018	Ensino médio
Trabalho B ARTIGO	Uma intervenção pedagógica para alunos com transtorno do espectro do autismo com habilidades de interação social comprometidas nas aulas de educação física.	2018	Anos iniciaisdo ensino fundamental, 3° e 4° ano.
Trabalho C MONOGRAFIA	Recursos auxiliares para mediação de aprendizagem e inclusão nas aulas de educação física	2019	Anos iniciais do ensino fundamental, 1° ao 5° ano.
Trabalho D MONOGRAFIA	Inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista nas aulas de Educação Física: um estudo de caso.	2020	Ensino Médio
Trabalho E ARTIGO	Crianças com autismo nas aulas práticas de educação física: uma proposta de inclusão.	2021	Anos finais do Ensino Fundamental, 6° ano.
Trabalho F ARTIGO	Estratégias para a participação de alunos com transtorno do espectro autista em aulas de educação física	2021	Anos iniciais do ensino fundamental, 1° ao 5° ano.

FONTE: produção própria com dados de trabalhos científicos do Google acadêmico

Observamos que no período desta pesquisa (2017 a 2021), foram encontrados 3 trabalhos com foco nos anos iniciais e 1 de anos finais do ensino fundamental e; 2 de ensino médio. Tornando indispensável citar que não foi identificado nenhum trabalho publicado no ano de 2017 com as especificidades do objeto desta pesquisa.

No quadro acima, ao destacarmos os anos de publicação dos referidos trabalhos, observamos que em relação aos anos iniciais, os estudos concentram-se nos anos de 2018, 2019 e 2021; referente aos anos finais, somente 1 foi publicado em 2021; e foram produzidos 2 de ensino médio em 2019 e 2020, respectivamente. Demonstrando, então, uma preocupação distribuída nos três níveis da educação básica, com maior incidência nos anos iniciais e em sequência no ensino médio, sendo respectivamente 2 artigos e 1 monografia nos primeiros anos do ensino fundamental; 1 artigo nos anos finais. No ensino médio, foram produzidas 2 monografias.

Os objetivos dos trabalhos produzidos identificaram a relação Educação Física, Estratégias/práticas/intervenção, aulas e Transtorno do Espectro Autista e demonstraram a

finalidade da inclusão, participação e interação do estudante com necessidade específica. Somente 2 dessas produções (Monografias) explicitaram os objetivos específicos que também conversaram com o referido objeto.

Os estudos encontrados (06) deram ênfase às estratégias de inclusão de alunos autistas nas aulas de EDF, ou seja, quais estratégias podem ser utilizadas pelos professores para facilitar o processo de inclusão. As estratégias utilizadas variavam de acordo com cada professor e suas realidades. Na tabela abaixo estão destacados as estratégias utilizadas nas aulas dos anos iniciais e finais que correspondem ao foco de pesquisa presentes nos trabalhos B,C, F e E:

QUADRO 03 – Estratégias de EDF/AUTISMO no Ensino Fundamental (EF)

PRODUÇÕES	ESTRATÉGIAS
Trabalho B Anos iniciais/EF	<ul style="list-style-type: none"> - Instruções curtas e objetivas sobre como realizar a atividade; - Demonstração antes de cada atividade; - Relembrar a orientação da atividade de forma curta; - Chamar a atenção do aluno quando sair da atividade e redirecioná-lo; - Incentivar os colegas a interagirem com ele; - Realizar algumas atividades em duplas; - Reforçar sempre que possível a realização do aluno.
Trabalho C Anos iniciais	“espaço protegido”
Trabalho F Anos iniciais	<ul style="list-style-type: none"> - Estratégia que antecede o ensino; - Estratégia para explicação e suporte durante a atividade; - Estratégia que decorre da resposta ou ação do aluno; - Estratégia para lidar com o comportamento emocional do aluno.
Trabalho E Anos finais	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades e jogos colaborativos - Aulas de espelho - Musicalidade

FONTE: produção própria com dados de trabalhos científicos do Google acadêmico

As intervenções pedagógicas utilizadas pelos professores de Educação Física (EDF) das escolas pesquisadas partiram do planejamento feito para a turma e para os alunos com TEA. Os mesmos, no geral, mostravam interesse em participar das aulas práticas de EDF, no seu tempo e respeitando suas limitações. Os demais alunos não se incomodavam com a presença ou quando o professor direcionava a atenção a esses estudantes. Entendiam e os incluíam nas aulas, sem haver discriminação.

O trabalho F utilizou a estratégia que antecede o ensino, com a finalidade de posicionar o aluno ou a turma, posicionando-os em círculo no início das atividades para facilitar a observação do aluno com TEA, pois quando o mesmo olhava para o lado e observava o movimento que a/o colega estava fazendo, no alongamento, repetia o movimento.

Outra estratégia utilizada foi a explicação e suporte durante a atividade, com a finalidade de explicar o que seria realizado, instruindo todos os alunos e, em seguida, explicando de forma clara e objetiva, individualmente, o aluno com TEA. Haja vista, a demonstração da estratégia

ser válida, e similarmente citada no trabalho B (demonstração antes de cada atividade), utilizando as instruções curtas e objetivas sobre como realizar as atividades.

Ainda na estratégia de explicação e suporte, um método que pode ser utilizado, citado no estudo F, foi prestar assistência física quando a explicação verbal e a demonstração não forem suficientes assim como auxiliar o aluno estando ao lado dele. É de suma importância fazer um feedback positivo, elogiando o aluno com TEA ao finalizar as atividades, motivando-o. O trabalho B assemelha essa estratégia quando ressalta a importância de reforçar sempre que possível a realização do aluno, viabilizando assim sua aprendizagem.

O estímulo visual, utilizado no trabalho F, estava dentro da estratégia de explicação e suporte. Demarcar a área que será utilizada durante a atividade como, por exemplo, cone, bandeira, fitas, linhas ou marcas no chão é um estímulo visual. No estudo em questão, o professor utilizou a linha amarela demarcada no chão da quadra.

A estratégia que decorre da resposta ou ação do aluno foi enfatizada no trabalho F. O professor manteve as regras para todos os alunos incluindo os autistas e, quando esse aluno não aceitava, o professor conversava com ele e lembrava as regras do jogo de forma objetiva para que entendesse. No trabalho B, uma das estratégias utilizadas foi lembrar a orientação da atividade de forma curta, pois pessoas com TEA têm dificuldades com mudanças de rotina e se restringem a movimentos repetitivos e estereotipados. O intuito desta estratégia foi fazer esse aluno participar das aulas, explicando para ele que mesmo que ele saia da atividade ele poderá retornar na próxima rodada.

Incentivar os colegas a interagirem com o aluno com esse tipo de deficiência foi uma estratégia utilizada no trabalho B. Quando foi realizado em grupo, a ação do professor foi perceber o momento que o aluno com TEA se interessa em participar, interagindo assim com os demais colegas. Tal estratégia foi citada similarmente no trabalho F, por Fiorini e Manzini (2021) que aponta ser necessário identificar quando o aluno com TEA se aproxima do grupo e apresenta iniciativa em querer participar da atividade. Segundo Gaiato (2018), sem a estimulação necessária a criança com autismo não terá um desempenho social adequado.

Gaiato (2018) também ressalta que, o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, em que crianças diagnosticadas com o transtorno apresentam déficit na interação com seus familiares e colegas apresentando dificuldades em se relacionar socialmente de forma adequada. O trabalho B traz a estratégia de realizar algumas atividades em duplas, mesmo quando o aluno está motivado, mas não quer participar, o professor deve observá-lo para quando se mostrar interessado, explore essa iniciativa do aluno e promova condições para que ele participe, estratégia essa também ressaltada no trabalho F.

A última estratégia citada no trabalho F foi a de lidar com o comportamento emocional do aluno: dialogando com o aluno com TEA e fazendo perguntas diretas para descobrir o motivo para que ele não quisesse participar da atividade; motivando-o, constantemente, para participar da aula, lidando com a frustração quanto o perder. Vale ressaltar que a motivação constantemente, do aluno com TEA, para participar da aula, deve respeitar sua vontade quando identificar que não quer realizar determinada atividade.

A estratégia que o professor do trabalho C utilizou foi criar um “Espaço protegido”, expressão usada para descrever ambiente educativo com condições adaptadas para o potencial do estudante com deficiência, quando ele não consegue participar das atividades comuns de aula (Lopes, 2019, p.33). Nesse estudo, o aluno com TEA não queria participar da aula junto com os demais, por isso, o professor fez um circuito de habilidades motoras para a turma em questão e redirecionou o aluno autista para o “espaço protegido” com o auxílio de um cuidador. Após algum tempo, o aluno mostrou interesse em participar da atividade com o restante da turma. Ao perceber, o professor o inseriu no circuito com todos, direcionando-o e explicando a ele como iria funcionar cada etapa. Porém, sem a supervisão docente, o aluno apresentou dificuldades em participar das etapas, fazendo com que o professor o encaminhasse ao “espaço protegido”.

A percepção do professor nas aulas foi uma estratégia citada no trabalho B e F: observar quando esse aluno mostrou iniciativa em participar das atividades que foram realizadas pela turma. O professor como mediador do conhecimento e responsável direto pela inclusão do estudante nas aulas de Educação Física deve buscar novas práticas pedagógicas que o auxiliem no envolvimento e desenvolvimento discente.

O autor do trabalho C enfatizou a necessária relação e comunicação entre os docentes da turma e respectivos pais sobre as estratégias que foram positivas no processo de inclusão, destacando a motivação como uma das principais ferramentas.

No estudo E (Anos Finais/EF) foram utilizadas atividades colaborativas como intervenção, com uma dinâmica voltada para a união de um único grupo em prol de um objetivo comum, esperando que, ao exigir a participação do aluno autista, este demonstrasse interesse em participar das aulas, visto que os colegas também precisavam de sua colaboração para o sucesso nas tarefas (Santos, Paula, Ferreira, 2021).

Foi observado que nos jogos cooperativos os alunos respondiam de forma mais afetiva. Gaiato (2021), apontou que quando as crianças brincam, tem diversas oportunidades de aprendizagem e de estimulação nas áreas relacionadas a socialização, comportamento verbal, estimulação sensorial, cognição, motricidade, entre outras. Tal estratégia oportuniza que essa

criança interaja espontaneamente com o ambiente, apesar de suas limitações, com outras crianças, trazendo bons resultados. Outra estratégia foi a de aulas de espelhos onde o aluno replicou os movimentos do colega.

O estudo F, similar a estratégia dos espelhos, realizou círculos onde o aluno com TEA observava o colega ao lado e repetia o movimento a ser realizado. A musicalidade foi utilizada como ferramenta tanto no trabalho E como no F, o que facilitou na compreensão de ações não verbais.

Segue abaixo a tabela onde foram destacadas as estratégias utilizadas nas aulas do Ensino Médio, correspondendo ao foco da pesquisa destacadas nos trabalhos A e D:

QUADRO 04 – Estratégias das aulas de EDF/Autismo no Ensino Médio

PRODUÇÕES	ESTRATÉGIAS
Trabalho A	<ul style="list-style-type: none"> - Jogos cooperativos - Conhecer bem o aluno, - Ter bons planejamentos, - Ser incentivador, - Paciente, - Amoroso.
Trabalho D	- Gesticulação e exemplificação de movimentos para os alunos com TEA,

FONTE: produção própria com dados de trabalhos científicos do Google acadêmico

No estudo do trabalho A, havia dois alunos autistas na turma, porém, um deles não participava das aulas, não se comunicava com ninguém. Nesse trabalho, a mãe do aluno, que participava das aulas de Educação Física, fez parte da entrevista.

Os jogos cooperativos foi a estratégia utilizada, em que o aluno mais gostou e se desenvolveu melhor, pois mostrou liderança, disposição nas atividades e aumento na sua autoestima. O aluno Autista demonstrou interesse em participar das aulas e os colegas de turma o ajudavam. A turma demonstrou ser unida, cada um respeitando o espaço e as diferenças uns dos outros.

Outras estratégias mostradas no estudo, foi o fato do professor conhecer bem o aluno, ter bons planejamentos, ser um incentivador (estratégia essa ressaltada nos trabalhos B, C e F dos anos iniciais), paciente e amoroso. Ao final desse trabalho científico foi notório pelos pesquisadores a evolução do aluno autista, mesmo com suas limitações, interagindo com seus colegas de turma, mostrando felicidade. A mãe do discente relatou que seu filho considerava a Educação Física a melhor disciplina, e demonstrou-se estar satisfeita com o desenvolvimento do filho, incentivando-o a participar das aulas.

Gesticulação e exemplificação de movimentos para os alunos com TEA foi uma estratégia utilizada no trabalho D. A professora passava vídeos antes das aulas práticas sobre

fundamentações técnicas do esporte a ser trabalhado, sendo um recurso visual que facilitava a compreensão dos movimentos que seriam realizados pelos alunos. As estratégias dos vídeos tinham mais sucesso em turmas com faixa etária mais avançada. Sendo assim, a professora fazia uma adaptação com estratégias específicas para determinadas turmas. Há semelhança nos estudos B e F, pois também utilizavam a estratégia de explicação e demonstração das atividades antes de serem realizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As primeiras pesquisas subsidiaram o conhecimento do Autismo e suas especificidades, acentuando a Educação Física como importante fator para o desenvolvimento dos alunos. Entretanto, o processo de inclusão escolar gera grande desafio aos professores, onde uma das problemáticas apresentadas pelos estudos é o despreparo de alguns docentes, que não sabem como atuar com os alunos com TEA. Tendo em vista que o transtorno apresenta níveis de suporte leve, moderado a severo, o professor precisa estar capacitado por meio de formações continuadas para atuar e realizar atividades que ajudem no desenvolvimento dos alunos.

Houve assim a necessidade de buscar métodos/estratégias para auxiliar esse professor no seu trabalho didático pedagógico. Os estudos trazidos nessa pesquisa mostraram que é possível a inclusão de estudantes autistas nas aulas de EDF, pois mesmo com suas limitações, participam das aulas, melhoram suas relações sociais, comportamento verbal, estimulação sensorial, cognição, motricidade, entre outros aspectos.

O docente de Educação Física ao fazer bons planejamentos, ser um incentivador, ter conhecimento sobre o transtorno, explicar de forma curta e clara como será realizada as atividades, fazer a demonstração antes das atividades serem realizadas, lembrar as orientações quando necessário e fazer um feedback positivo ao realizar as atividades, proporciona e age com os alunos com TEA de forma a terem uma inclusão plena, em todo o processo escolar.

Os colegas de turma também são de total importância nessa inclusão, haja vista, os estudos mostrarem a ausência de discriminação por parte deles, que estavam sempre unidos e compreensíveis, respeitando as diferenças, o que contribui para sua participação e desenvolvimento. Além disso, alguns dos estudos presentes nessa pesquisa manifestaram a importância da relação docente, família e aluno.

Por fim, essa pesquisa demonstra a relevância das estratégias de inclusão dos estudantes com TEA nas aulas de Educação Física para o desenvolvimento desse educando assim como a necessidade da continuidade e aprofundamento dessa investigação para a maior qualidade educativo e/ou docente nas escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS

- APA-AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5: **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento, et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed. 2014.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 12.764 de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do espectro Autista: e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília: Casa Civil, 2012.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 13 ed. 2015. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 16 jul. 1990.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008.
- FALAVIGNA, Maicon. O que são revisões sistemáticas? Porto Alegre: **HTAnalyze Consultoria e Treinamento**, 2018.
- FIORINI, MLS; MANZINI, EJ. **Estratégias para participação de alunos com transtorno do espectro autista em aulas de Educação Física**. Rio de Janeiro, 2021.
- GAIATO, Mayra. S.O.S. AUTISMO: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista. São Paulo: **nVersos**, 2018.
- LOPES, VH. **Recursos auxiliares para mediação de aprendizagem e inclusão nas aulas de Educação Física**. Brasília, 2019.
- PIMENTEL, KB. **Espectro Autista: um olhar acerca das práticas docentes nas aulas de educação física em Tocantinópolis**. 2020.
- SANTOS, Larissa Nascimento dos; PAULA, Vitor Matsui de; FERREIRA, Ivan de Jesus. **Crianças com Autismo nas aulas práticas de Educação Física: uma proposta de inclusão**. BIUS-Boletim Informativo Unimotrisaúde em Sociogerontologia, v. 28, n. 22, p. 1-14, 2021.